

O ESPAÇO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: DESAFIOS DAS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA NA SALA DE AULA

Autora: Cibelle Alves Lima de Santana (1);

Coautora: Gisela Carolina Lacerda Roma (2).

Universidade Federal de Pernambuco, cibellealves17@gmail.com (1)

Universidade Federal de Pernambuco, carol.gisela@hotmail.com. (2)

Resumo:

Neste presente artigo, realizado por um estudo exploratório com abordagem de caráter qualitativo, pretendemos discutir à luz das reflexões de Antunes (2003) sobre leitura; Candido (1995) acerca do direito à literatura; Cosson (2007 e 2014) a respeito do letramento literário; Leite (2002); Possenti (2001) sobre leitura literária e Soares (2006) com abordagem sobre escolarização da literatura. Com isso, construímos relatos e análise do que verificamos durante as observações das aulas em turmas do Ensino Fundamental e Médio de duas escolas públicas da rede estadual, localizadas na cidade do Recife. Para isso, tivemos como eixo norteador o processo da escolarização da leitura literária, o espaço da leitura literária em sala de aula e o seu letramento, assim como reflexão da prática docente, e por fim, o espaço e o contexto que a escola e o professor permitem para afastar ou aproximar o aluno da leitura. Como resultado da nossa pesquisa, constatamos que os autores estudados ressaltam a respeito da fragilidade em que o âmbito escolar, e primordialmente, os professores, tratam as questões inerentes ao ensino da leitura literária.

Palavras-chave: letramento literário; ensino; leitura literária.

INTRODUÇÃO

Quanto mais expostos estivermos às diversidades textuais, mais capazes seremos de pensar sobre o mundo que nos cerca. A diversidade e conflito de opiniões nos transformam e nos estimulam. Com a prática da leitura e a interação autor-texto-leitor, somos capazes de interagir por meio de atos sociais. No entanto, alguns professores, ainda hoje, ao trabalharem com textos, não permitem uma renovação da sua prática. Os alunos continuam recebendo de forma passiva o que é dito na aula, como algo pronto e acabado. Desta forma, não se propicia ao aluno condições necessárias para discutir um texto literário, pois não há um total incentivo de outros métodos para tratar o texto com outra perspectiva, ocasionando um distanciamento da leitura por parte do alunado.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) valorizam a leitura como evento social e afirmam que considerá-la assim implica captar sua dimensão sempre como um meio, não como um fim em si mesmo, além de fazer do ato de ler uma resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal e não o simples cumprimento de um programa. É neste enfoque que o espaço da leitura, também como um evento social, que se apresenta nas escolas, precisa ser questionado em relação às implicações metodológicas que ela recebe e a falta das reflexões sobre as práticas envolvidas. Assim, o texto não pode ser tratado como um objeto a ser decifrado, com sentidos e interpretações estáticas e definidas. “Se de um texto se fazem muitas leituras, é que ele tem muitos sentidos, e não nenhum.” (POSSENTI, 2001, p.29) Assim, a leitura inclui um grupo de leitores em que construirão sentido do texto coletivamente.

Neste viés, este artigo tem como foco discutir como ocorrem as práticas de letramento literário a partir de observações em turmas do Ensino Fundamental e Médio em duas escolas da rede pública estadual da cidade do Recife, com o objetivo de compreender de que maneira os professores abordam o ensino da literatura durante suas aulas. Além disso, a discussão terá como eixo norteador a reflexão sobre o papel que a escola e o professor têm para propiciar aos alunos as experiências de leitura e valorização de incentivo às práticas de leitura literária em sala de aula. Visto que, a formação do leitor literário e o gosto pela leitura surgem, principalmente, pela qualidade das vivências que os alunos vão adquirindo dentro no espaço escolar, e que, portanto, precisam ser ampliados na sala de aula.

Diante deste foco discursivo e das análises das escolas observadas, também foi verificado que a escola também pode atuar tanto como incentivadora da leitura quanto desmotivadora, pois se não forem propiciados ambientes estimuladores das leituras, ou recursos favoráveis para que o professor possa realizar o seu trabalho a fim de repensar e modificar suas metodologias e melhorar o seu planejamento, práticas antigas continuarão existindo.

Segundo Antunes (2003), a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita e, através da leitura, o

leitor poderá agregar novos conceitos, ideias e diferentes informações, acerca do texto. Ao refletir a proposta em trazer a leitura inserida no contexto dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, foram observados também os objetivos que estão inseridos na prática do letramento literário que, segundo Cosson (2006, p.16) é formar um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo.

Neste sentido, se tais questões forem repensadas pelo professor em conjunto com o aluno, o ensino da leitura literária na escola poderá ser mais eficiente na formação de cidadãos leitores, capazes de se apropriarem dela como ferramenta de construção de sentidos e atuação social.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se realizou por um estudo exploratório com abordagem de caráter qualitativo. Para os procedimentos metodológicos de análise deste trabalho, foram observadas aulas de professoras em duas turmas: uma do 8º ano do Ensino Fundamental e outra do 3º ano do Ensino Médio, em escolas da rede pública estadual da cidade do Recife.

Os nossos procedimentos utilizados para subsidiar os instrumentos da análise no contexto escolar, primordialmente a sala e os sujeitos envolvidos nesta, deu-se através de anotações e relatos das situações observadas a cada aula em que participamos para analisar as práticas de ensino de literatura das docentes. Para então, verificar qual espaço que o letramento literário recebe durante as aulas e se há práticas metodológicas repetidas que colocam apenas a literatura como pretexto para realizações de atividades gramaticais e avaliações. Recursos que não asseguram meios para que o aluno possa compreender o texto, refletir, ampliar seu repertório linguístico e desenvolver sua capacidade de leitor literário. Além disso, foi necessário observar como o ambiente escolar atua para manutenção ou modificação de tais práticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. O direito à literatura

A leitura recorre a diversas finalidades e, dentre elas, o deleite, a fruição, reflexão, imaginação, criação e criticidade. Todavia, principalmente, nas práticas escolares de leitura recentes em que pudemos observar, os gêneros literários têm servido muito como pretexto para o ensino da língua ou repetições sobre algumas obras e vida dos autores consagrados, como exemplo, padrão a ser estudado e seguido. Nesse sentido, repensar e ressignificar as práticas de leitura literária deve implicar a promoção do letramento literário, que precisa ser disseminado na escola.

Conforme Cândido (1995), a literatura por dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Ainda para o crítico, negar a fruição que a

literatura propicia, seria mutilar a nossa humanidade. Além disso, sabemos que literatura pode ter função de humanizar, libertar da alienação e revelar uma arte que não se esgota, pois, o ser humano é também formado por sensibilidade. Deste modo, a prática e ampliação da leitura literária em situações diversas permite que o leitor entre em contato com tempos e espaços diferentes, com realidades que são vivenciadas através de mediação, fazendo com que o leitor crie e recrie o texto junto com o autor, pois a produção nunca tem um fim em si mesma. É o que notamos quando lemos um livro a partir da segunda vez: a leitura pode ocasionar uma renovação, pois, podemos encontrar e ter uma visão de algo que não conseguimos enxergar a princípio. Portanto, a leitura nos leva a lugares inexplicáveis e amplia horizontes de mundo, Yena (2002, p.89) revela:

Enquanto houver leitores de mundo, haverá narradores buscando modos e meios para realizar o que a dita literatura tem feito desde que nos conta os homens e das coisas: libertar do julgo da mesmice, da repetição e cópia, da alienação e da manipulação, ensaiando o direito de ser um outro em busca de si mesmo.

E nem sempre esse direito é concebido durante as aulas de Língua Portuguesa. Muitas vezes é negado. Durante as observações em duas escolas diferentes, com aulas no Ensino Fundamental II (8º ano) e Ensino Médio, pudemos perceber o papel da literatura em sala de aula e a fragilidade no modo em que ela está sendo perpetuada. Ao considerar o processo de escolarização da leitura literária e a abordagem ao texto literário, geralmente, não se apresentam outros métodos de se trabalhar o texto literário, contribuindo para que o aluno desenvolva uma compreensão mitificada e homogênea da literatura, ocorrendo, em alguns momentos, até o desprazer sobre o modo que conheceram e que a literatura foi apresentada na escola.

De acordo com Soares (2011), existem três instâncias de escolarização da literatura em geral: a biblioteca escolar; a leitura e estudos de livros de literatura, geralmente determinada e orientada por professores de Português; a leitura e o estudo de textos, geralmente componente básico de aulas de Português. No entanto, ela reconhece que existe uma série de problemáticas envolvidas no processo de escolarização da literatura, visto que, segundo suas análises, este processo ocorre, muitas vezes, de forma inadequada e improdutiva, descaracterizando o texto literário e o seu ensino. Além de limitar o direito dos alunos de desenvolverem seu letramento literário e afastar o prazer pela leitura. Portanto, é de fundamental importância a escolarização adequada da literatura, assim como de qualquer área do conhecimento que circula na escola.

2- Abordagem do letramento e leitura literária na sala de aula

O letramento literário possui uma configuração especial, pela própria condição da existência da escrita literária, que segundo Cosson (2007, p.12) pelo seu processo de letramento se fazer pela via de textos literários, compreende-se não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu domínio. Com isso adquire sua importância na

escola, ou melhor, em qualquer processo de letramento, tanto oferecido na escola, ou aquele difuso na sociedade.

Ao longo da história da humanidade, a escola sempre exerceu um papel fundamental para a formação da sociedade e foi, por muito tempo a responsável pela transmissão da cultura, tendo passado por várias transformações. Riter (2009) afirma que ser professor é estar sempre em questionamento, sendo assim, o professor de Língua Portuguesa com auxílio da gestão escolar, pode mudar suas práticas a partir de questionamentos e reflexões acerca do seu trabalho em sala de aula .

No cotidiano da escola, mais especificamente no âmbito da sala de aula, os gêneros literários têm exercido, muitas vezes, o papel de pretexto para ensinar aspectos gramaticais da língua, como objetos de interpretações prontas e acabadas, e, quando não, são vistos como mero passatempo. A leitura é uma revelação da polissemia do texto literário. Seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido (Goulemot, 1996, p. 114). E para trazer a literatura de modo agradável para os alunos, é necessário chamar atenção para uma cultura literária provocativa.

O que seria esta literatura provocativa? Paulino (2010, p.497) salienta que seria algo voltado ao contexto escolar, em que houvesse uma disseminação de textos que provoquem, excitam, desafiem os alunos e possam ser lidos por eles, de modo que em alguns casos, traga a renúncia de alguns textos canônicos, normalmente preferidos pela maioria dos professores de Literatura. E assim, o caráter provocativo de um texto exige que o leitor possa compará-lo a outros textos e manter um elo de criticidade e maturidade de leitura, na medida em que aumenta o seu arcabouço textual.

Isso não significa dizer que o professor deve deixar de trabalhar os clássicos na sala de aula, mas que esse tipo de leitura possa surgir aos poucos. É bastante importante que exista a tolerância para permitir que o leitor se construa entre diversos tipos de leituras, sendo necessário, então, partir do conhecimento prévio do aluno, do repertório de leitura dele e de textos que conversem com a sua realidade, para então apresentar os clássicos. Vale ressaltar que, em muitos casos, o único lugar em que o aluno se permite entrar em contato com a leitura literária é na escola. Conforme Cosson (2007, p. 33 e 34):

Dessa maneira, têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade do leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos.

Há também um problema que envolve literatura e currículo, e que pode ser encontrada na formação do professor. Essa formação deve ter um caráter mais amplo dentro da cultura literária. Alguns profissionais saem formados sem saber como trabalhar com a disciplina Literatura na Educação Básica. Os alunos acabam não gostando da matéria e só se envolvem com ela, pois existem uma obrigação para fazer as avaliações.

3. Entre o letramento literário e os desafios do ensino

Para a proposta deste estudo, escolhemos duas escolas da rede estadual de ensino, ambas localizadas na cidade do Recife, em que uma turma é do Ensino Fundamental e a outra do Ensino Médio. Na primeira turma observada a presença da leitura literária, seja em forma fragmentada ou integral, é quase nula. Quando esse espaço é dado, a preferência é a de fragmentos de textos do livro didático e as atividades avaliativas se voltam para questões gramaticais e de interpretação textual com perguntas genéricas, muitas das quais não levam o aluno-leitor a praticar a criticidade ou inferências, trazendo apenas uma avaliação que leva em consideração o caráter da capacidade de decodificar.

De modo a ilustrar a situação observada, em uma prova de literatura, aplicada nesta escola citada na série do 8º ano do Ensino Fundamental havia, em uma proposição, um trecho extraído da clássica obra de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que suscitou o questionamento de uma aluna. Em tom de reclamação ela expôs que o texto não fazia parte do seu repertório e que não havia tido um contato prévio com o romance. Ao indagarmos à professora sobre essa preocupante afirmativa, ela confirmou a veracidade e se justificou ao dizer que não havia a necessidade de conhecimento prévio, uma vez que a função do texto era a de encontrar determinadas estruturas gramaticais e de interpretar, de forma objetiva, apenas o enxerto apresentado.

Infelizmente, os alunos entram no Ensino Médio com um bombardeio de informações sobre literatura como se fosse um universo paralelo e totalmente novo daquilo que estudaram e que foi apresentado no Ensino fundamental. Por outro lado, existe o problema, que em muitas situações, o alunos chegam ao Ensino Médio sem sequer terem contato a literatura como disciplina ou não terem vivenciado boas práticas de leituras literárias que possam subsidiá-los a realizarem compreensão e inferências textuais.

A leitura literária deve estar presente em todas as séries escolares, e não apenas no Ensino Médio, “quando texto literário é substituído por lista de atores e características de estilo de época.” Cosson (2014, p. 15). Portanto, é necessário que já na Educação Infantil e no Ensino Fundamental os alunos construam a consciência da importância da leitura literatura na vida deles e a função social dela.

A referida professora, de língua portuguesa, também informou que sua preferência era trabalhar com conteúdos gramaticais, pois, sua formação escolar e universitária lhe levava para esse caminho. Ressaltando que nos últimos editais dos concursos para professores do estado de Pernambuco, segundo ela, a prova estava majoritariamente voltada para questões que envolvem a gramática normativa em detrimento da literatura. Comentário este que nos traz uma reflexão sobre como o sistema educacional e a própria Secretaria de Educação do Estado de PE lida com a formação dos professores.

Desta forma, o aluno quando chega ao Ensino Médio, já tem uma concepção da literatura como algo distante, difícil ou chato, em que a o ensino da literatura se limita à literatura brasileira, ou

melhor, a história da literatura brasileira com apenas uma cronologia literária. O que ocasiona, segundo Silva e Silveira (2013, p. 2), para muitos excluídos literariamente, a ausência da leitura literária em suas vidas acontece não só por falta de referências culturais, mas, também, pela forma como a literatura lhe é retratada na escola, como um bem inacessível e distante da realidade.

A biblioteca que é um espaço por excelência que possibilita aos estudantes o acesso a livros das mais diversas áreas do campo do saber e, por conseguinte, de literatura. Ainda que seja de conhecimento público que é de suma importância que ela esteja funcionando em prol de uma ampliação do saber produzido na sala de aula, ainda encontramos muitas escolas que não tem a biblioteca como uma prioridade e o sucateamento impede que os alunos convivam neste espaço e tenham a oportunidade de socializar e ter momentos de fruição. Em ambas as escolas que citamos, a ausência de funcionários para o atendimento e de organização da biblioteca, acarreta em um funcionamento irregular e deficitário, dificultando ainda mais o acesso para o alunado. Conforme Riter (2009, p. 70):

Percebe-se ainda que, em muitas escolas, as bibliotecas são vistas como depósitos (livros velhos, acervo pouco renovado e atualizado), como castigo (espaço destinado a alunos que chegam atrasados ou que não tiveram postura adequada em aula), como templo (espaço meio sacralizado em que a alegria a conversa, a liberdade foram banidas). Em outros momentos, o acesso à biblioteca é livre, mas completamente desorientado, visto que aquele que a ela chega não encontra alguém qualificado para lhe mostrar caminhos, para indicar leituras, para ofertar possibilidades de encontros literários. Assim, compete ao professor ser este guia, ser um aliado de quem atua na biblioteca, a fim de transformá-la naquilo que de fato ela merece ser: lugar de pesquisa; descoberta de universos literários; descoberta de novos autores; espaço de troca e de partilhas literárias; ambiente para indicação e orientação de caminhos de leitura; contato com acervo de qualidade. (RITER, 2009,p.70)

Na segunda escola observada, em uma turma do 3º do Ensino Médio, foi possível acompanhar duas professoras de língua portuguesa que trabalharam com a mesma turma, a primeira, que chamaremos de R., é a professora oficial que precisou se ausentar por motivos de saúde, sendo substituída temporariamente pela professora que chamaremos aqui de B. Cada professora demonstrou diferentes metodologias e concepções do ensino de literatura. E a partir dessa comparação, pudemos constatar como os alunos se portaram diante das diferentes abordagens propostas.

Depois de observar aulas de gramática e produção textual, tivemos a oportunidade de assistir à aula da professora R. sobre literatura, a primeira fase do Modernismo. Antes de iniciar a aula, a professora R. revisou alguns movimentos das Vanguardas Europeias e discutiu um pouco sobre o Pré-modernismo. O Futurismo foi um tema que chamou atenção aos alunos, pois R. levantou um discussão sobre fascismo, misoginia, eugenia e xenofobia. Perguntou aos alunos se eles conheciam essas expressões e se sabiam que, infelizmente, ainda são comuns tais atitudes referentes aos sentidos que essas expressões carregam. Alguns demonstraram conhecimento, outros não sabiam, ou não lembravam, mas com muito cuidado ela os explicou. A aula prosseguiu com espaço para falar sobre Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mario de Andrade, da Antropofagia e os lemas: “Só a

antropofagia nos une”. Seguindo essas temáticas, foi a vez de falar sobre Mario de Andrade e uma das suas obras mais importantes, *Macunaíma*. A professora revelou que era uma obra antropofágica e uma das maiores obras com caráter antropofágico que a literatura brasileira teve.

Durante a aula não houve consulta com o livro didático e foi utilizado apenas o quadro e o livro da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Antes de contar a história do livro, a professora falou sobre a questão da fusão cultural e das manifestações artísticas. Trouxe o carnaval como exemplo, o *axé music*, o futebol, Chacrinha, folclore, como junção de várias culturas e, que muitas vezes, nós reconfiguramos a cultura de outros povos, mesclando com a nossa.

No momento de falar sobre a obra *Macunaíma*, ninguém na sala respondeu que já tinha lido quando foi perguntado. Então, a professora R. iniciou contando a história e trazendo curiosidades folclóricas que estão inseridas na obra, com o livro de Mario de Andrade na mão, e não com fragmentos da obra no livro didático. Ela lia algumas partes, porém, em alguns momentos não utilizou o livro, realizava diálogos dos personagens, modificando o tom da voz. Fazia algumas pausas para trazer ressalvas, que na obra há um diálogo, uma intertextualidade com o início de *Iracema*, de José de Alencar.

Os alunos ficavam surpresos e se envolvendo com a história. Uma das alunas disse que ficou com bastante vontade de ler o livro, porque começou a imaginar as cenas a partir do modo em que a professora estava contando, que conseguiu ver a nossa cultura inserida lá, porém nunca tinha lido nada de Mario de Andrade porque achava que era chato e que antes tinha uma certa limitação pela literatura.

A professora B. que já fazia parte do quadro da escola há anos, que ministrava aulas a algumas turmas do 1ª ano e 2ª ano do Ensino Médio, teve que acolher algumas turmas da professora R. Foi o momento em que se tornou possível comparar as duas metodologias. Na primeira aula observada da docente B. houve a continuidade dos assuntos de Literatura, o foco foi a vida e obra de Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto e a literatura pós-moderna Assim, falou da literatura de Clarice Lispector que trouxe uma sondagem psicológica, introspectiva e João Cabral de Melo Neto que não se filia esteticamente a nenhum grupo, mas que trouxe discussões e experiências modernistas anteriores, principalmente o Nordeste sendo elemento com o seu folclore, sua herança medieval, sua gente, os retirantes, o rio Capibaribe, que aparece mais de uma vez personificado.

Deste modo, ela falou sobre duas obras: *A hora da estrela*, de Clarice Lispector e *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Na sequência pediu para que os alunos se dividissem em grupos para que pudessem ler partes da obra *A hora da estrela*, em que seria dividido da seguinte maneira: cada pessoa ficaria responsável por uma parte da obra para depois socializar com a turma. Podiam tirar cópias dos capítulos dos livros que ela pegou da biblioteca. No entanto, surgiu o questionamento do porquê de ela não pedir aos alunos, para lerem o livro na íntegra, ou realizarem uma leitura em conjunto com ela, evitando a dispersão que possivelmente ocorreria pelo motivo de

cada aluno ler capítulos isolados e desconectados. A resposta da professora foi a de que ela confiava na eficácia desse método por não acreditar na possibilidade de os alunos conseguirem ler a obra em sua totalidade.

Na aula seguinte, que deu continuidade ao conteúdo anterior cada representante do grupo falou do que retratava a parte designada da obra de Clarice Lispector, *A hora da estrela*, de forma fragmentada. Os estudantes liam partes do livro sem conseguir concatenar as ideias, realizando uma socialização pouco reflexiva. Ao decorrer das explanações de cada grupo foi possível perceber que os alunos não conseguiam relacionar suas leituras com as dos demais, gerando burburinho e confusões.

Ao fim de cada parte sendo socializada, com intervenções da professora sobre cada desempenho, o que os alunos entenderam aquela atividade como um momento de leitura superficial da prosa, sem refletir, sem inferir, sem se posicionar no que a obra representa na literatura ou o que ela trouxe de importante para a visão de leitura deles.

[...]a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos” (COSSON, 2006a, p. 16)

Eis a importância do professor no processo de mediação da leitura e no despertar de possibilidades e engajamento em um letramento literário, que poderá, futuramente, vislumbrar leitores, que não só compreenderão o texto, o livro, a obra, mas também irão poder refletir em contextos sociais e culturais diferenciados. Fernandes (2011, p. 332) referente à mediação do professor na formação do leitor experiente, enfatiza-se a necessidade de o professor ser leitor, de vivenciar práticas de leitura e dar depoimentos para contagiar seus alunos no gosto pela leitura. Além disso, é importante que se tenha o compromisso de ler textos literários em sala de aula e realizar planejamento sobre como será o direcionamento destas leituras.

Diante da nossa observação das aulas e análise das práticas das professoras em sala de aula, refletimos acerca do papel e o espaço em que há do letramento literário escolar, engessado por métodos repetitivos. Verificamos que alguns professores ao trabalharem com textos, não se permitem uma renovação da sua prática. O que vimos foi um modo que os alunos continuam recebendo de forma passiva o que é dito na aula, como se a leitura fosse algo pronto e acabado. E, sobretudo, ainda não se propicia ao aluno condições necessárias como um todo para discutir um texto literário, pois não há um total incentivo de outros métodos para tratar o texto com outra perspectiva, ocasionando um distanciamento de desprazer pelo gosto da leitura por parte dos jovens.

Neste sentido, encontra-se a fragilidade no planejamento da leitura, na mediação dos textos literários e necessidade de estabelecer um encontro agradável com o texto e o leitor. Assim como maneiras de adentrar na leitura, apresentar o texto, apurar a escuta e atenção, realizar uma conversa sobre o que foi lido, estabelecer sentidos, inferências e exploração na leitura.

Além disso, segundo Brandão e Rosa (2006) atingimos o ensino da compreensão de texto literário quando conversamos sobre eles, isto é, o professor ensina a compreender um texto quando formula perguntas interessantes sobre ele, quando escuta às respostas dos alunos e quando realiza um bom planejamento das suas aulas. Desta forma, é de fundamental importância o espaço que o livro e a leitura literária devem ter na sala de aula, assim como a mediação e conversa acerca dos textos, visto que, como afirma Rouxel (1996, p. 58), a escola tradicionalmente, ainda cultiva o mito de que o autor é responsável pelo sentido do texto deixando de lado o sentido da obra literária que é construído primordialmente no espaço de interação do autor texto leitor.

Portanto, tornar o ensino e a aprendizagem da literatura uma prática significativa é urgente e necessário; para tanto, há que se repensar o seu conceito, o seu valor e a sua função social. Na perspectiva do letramento literário, o foco não é somente a aquisição de habilidades de ler gêneros literários, mas o aprendizado da compreensão e da ressignificação desses textos, através da motivação de quem ensina e de quem aprende.

CONCLUSÕES

Através da literatura também descobrimos a essência da nossa língua e, assim, cabe ao professor na fazer com que os alunos passem a ler e escrever, sendo co-participantes da produção de conhecimento. Para que isso ocorra é imprescindível que o professor também seja um leitor que atua com reflexão e construa sentidos para a formação do aluno-cidadão e sujeito das práticas de letramento.

O que percebemos hoje nas escolas é uma separação atenuada, enquanto uns professores se dividem em estudos da língua portuguesa voltados para Gramática e Redação, outros ministram aulas de Literatura, sendo muitas vezes a Literatura retratada como algo chato e desnecessário. Infelizmente, como aponta Leite (2002, p.17), “o que acontece é uma entrada esporádica de um ou outro livro, ou fragmentos, e o domínio dos chamados paradidáticos. E assim, cada vez mais, dificilmente, podemos ver a integração das duas áreas de ensino.

No entanto, entre os desafios de romper com a tradição, existem professores que tentam quebrar as barreiras da dicotomização língua/literatura e buscam integrar o trabalho em sala de aula com leituras e produções textuais que tragam a criticidade e o questionamento do aluno, de forma com que se torne sujeito do discurso enquanto falante, escritor, ouvinte e interprete.

A formação deste leitor que consegue por em prática sua criticidade, é necessário que haja um estímulo contínuo para o contato entre o indivíduo e o livro; esse leitor precisa ser seduzido para a leitura. Cabe ao professor proporcionar diferentes atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos, e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades desses, contribuindo para a formação de um leitor crítico. Assim como é importante que

os alunos sejam sempre orientados para a realização de atividades de leitura e exercícios de compreensão textual, que despertem o seu senso crítico.

Entre as diferentes atividades inovadoras de incentivo à leitura literária poderíamos sugerir: elaboração projetos temáticos; saraus literários; varal de poemas; encontro com escritores; acervos de livros na sala de aula; organização de debates, contação de história; propiciar um ambiente acolhedor para realizar a contação de história; realização de eventos na escola para que se possibilite relatos de experiência com alguma leitura, seja por parte de um professor, um aluno, um funcionário ou até mesmo os pais dos alunos.

Portanto, enfatizamos a importância da leitura na formação do sujeito leitor, pois estimula o espírito crítico, que é a chave da cidadania. O leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto: ele procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, utilizando estratégias baseadas no seu conhecimento linguístico e na sua vivência sociocultural (conhecimento de mundo).

Vale ressaltar também que o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso, que o mesmo texto pode ter intenções diferentes e causar reações diferentes, pois os conhecimentos variam, existindo assim, uma pluralidade de leituras e sentidos em relação ao mesmo texto. O que vai se constituindo é o lugar social, os valores e as vivências, dentro de uma pluralidade, variando segundo as circunstâncias. Com isso, também sabemos da fundamental importância da leitura literária e a sua difusão para o desenvolvimento da criticidade do aluno, da ampliação de novos horizontes e conhecimento de mundo, que fazem parte da sua construção e modificação como leitor, pois como afirma Cosson (2007, p.30)

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Ademais, um dos objetivos das discussões que giram em torno da voz do professor e novas abordagens pedagógicas em sala de aula; e na construção de um currículo mais próximo da realidade social da escola deverá ser a motivação do aluno e sua permanência em sala de aula. Para o ensino de português dirigir-se de maneira consciente e coerente, deve-se existir uma reflexão dos conteúdos e atitudes que podem ser considerados relevantes para os interesses do aluno. A escola é, como outros espaços educativos da nossa sociedade, espaço de vida e formação de cidadãos. E a subjetividade dos sujeitos que compõe estes espaços deve ser considerada. Por fim, ouvir o aluno para construção de uma escola mais democrática e pedagógica é uma tarefa imprescindível, a voz do aluno poderá direcionar melhorias no sistema de ensino e apontar possíveis falhas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester C. de Souza (org). **Ler e Escrever na Educação Infantil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília. MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos. *O Direito à Literatura*. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2007.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *A prática de letramento literário na sala de aula*. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandre Santos (Org.). *Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

GOULEMONT, J.M. *Da leitura como produção de sentidos*. In Chartier, R. (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Editora Estação da Liberdade, 1996.

LEITE, Lígia Chiappinni de Moraes. *Gramática e Literatura: desencontros e esperanças* in GRELDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*, 3.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

POSSENTI, S. (2001). *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.

ROUXEL, A. *Ensigner la lecture littéraire*. Rennes. Presses Universitaires, 1996.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez. *Letramento Literário na escola: desafios e possibilidades na formação de leitores*. In: Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, Volume 01. Nº 01. Semestre de 2013. Disponível em <file:///E:/ensaio%20do%20est%C3%A1gio%202/letramento_literrio_na_escola_antonieta_silva_maria_silveira.pdf > . Acesso em 16 de setembro de 2018.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Eliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiane (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*, 2º ed., 3º reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymar, 2009.